EDUCAÇÃO E HUMANIZAÇÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE FORMAÇÃO E AFETIVIDADE

Silvana Maia Borges¹
Juliana Maia Borges²

Resumo: Esta pesquisa compreende um estudo bibliográfico a respeito dos temas educação e humanização. O objetivo do estudo foi refletir sobre o conceito de humanização e sua aplicação na área da educação, em uma tentativa de aproximação da realidade vivenciada atualmente acerca dos laços afetivos na esfera educacional no Brasil. Para tanto, nos valem especialmente da perspectiva freireana, sendo debatidos os seguintes aspectos: definições de educação humanizada e *amorosidade*; humanização na atuação docente; educação tradicional e educação humanizada. Compreendemos com este estudo que ainda é pouco expressivo o esforço em tornar os espaços educativos – escolas – em ambientes de vínculos afetivos e amorosos, uma vez que impera fortemente na nossa sociedade o individualismo e a lógica capitalista do “ter”. Logo, percebemos que ainda há muito trabalho a ser feito para que o país consolide uma educação mais humanizada, mas que esta necessidade urge e é o caminho a ser seguido. Destacamos então que a afetividade deve ser encarada como elemento constituinte e essencial ao processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Educação. Humanização. Formação. Afetividade.

Introdução

No cenário atual, onde se verifica os reflexos da globalização e das leis do mercado capitalista, o consumismo a competitividade e o individualismo parecem ter atingido e apressado o ritmo de vida das pessoas, fazendo emergir a perda de sensibilidade e humanização. A necessidade do “ter” acarreta entre as pessoas, cada vez mais, laços afetivos superficiais, até mesmo nas famílias. A criança cresce em um meio carente de vínculos afetivos. Assim, ao ingressar na vida escolar, esta instituição também reproduz o enfraquecimento de tais vínculos, priorizando os conteúdos curriculares, o individualismo, a competitividade, não enfocando valores e outras dimensões tão importantes que deveriam fazer parte do desenvolvimento humano. Neste contexto, as relações interpessoais, as trocas afetivas, valores como o respeito, o amor e a solidariedade ao outro, parecem descartáveis e inúteis, já que não servem para que as

¹ Autor: Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, campus Chapecó. E-mail: silvanamborges@gmail.com.

² Coautor: Centro Universitário Metodista – IPA. E-mail: jumaiaborges@yahoo.com.br

pessoas obtenham êxito, uma vez que a sociedade em geral prioriza o “ter” em detrimento ao “ser”. Lastimando esta realidade e tendo a percepção de que a educação representa um papel distinto do que fora descrito, este estudo objetivou aprofundar o conhecimento em torno dos laços afetivos e humanização no processo formador e educativo do ser humano. Além disso, esta pesquisa conduz ao pensamento de que a relação interpessoal professor/aluno é um dos fatores determinantes na construção da autoestima e, conseqüentemente, na eficácia do processo educativo.

A partir do referido, o presente artigo constitui-se em uma pesquisa bibliográfica que fomenta discussões em torno da formação educativa humanizada, vislumbrando analisar os reflexos dessa formação na realidade educacional. Para tanto, buscamos compreender o conceito freireano de *amorosidade*, bem como a importância dos vínculos afetivos para o processo formador do educando. Logo, a pesquisa contemplou aspectos como: Definições de educação humanizada e *amorosidade*; humanização na atuação docente; análise comparativa entre a educação tradicional e a humanizada.

O estudo justifica-se pela importância de formar seres que, mais do que aprender conteúdos, apresentem também valores e saibam se relacionar. Só assim trilharemos mudanças sociais e avanços, transformando o contexto educacional no país e formando cidadãos mais conscientes e crítico-reflexivos.

1 Educação humanizada e ‘amorosidade’

O termo ‘amorosidade’ é uma palavra muito usada por seguidores, pesquisadores e estudiosos freireanos. ‘Amor’, em sentido amplo, designa afeição profunda, vínculo afetivo, dedicação extrema e carinhosa, segundo definição do Dicionário Informal (2015). É nesse sentido que este estudo busca trabalhar o conceito de ‘amorosidade’, enfatizando sua correlação com a docência e a educação, uma vez que se compreende que o vínculo afetivo, a dedicação extrema e o diálogo se interligam.

Como afirma Freire (1992), a amorosidade e o diálogo constituem-se como elementos indispensáveis para que ocorra, no processo educativo, “o encontro amoroso entre os homens que mediatizados pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam, e transformando-o, o humanizam para humanização de todos” (p. 43). Nesta visão, percebemos que, para o autor, amorosidade está vinculada à seriedade e

responsabilidade que o educador assume com seu educando, buscando práticas que promovam aprendizado e instiguem seus alunos a se empenharem, aprimorando com isso o vínculo, o diálogo e, conseqüentemente, o conhecimento. Sendo assim:

Essa abertura de querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa, esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e "cinzento" me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade (FREIRE, 1996, p. 159-160).

Sintetizando a concepção de Freire, “a educação é um ato de amor”, sentimento em que homens e mulheres veem-se como seres inacabados e, portanto, receptivos para aprender. “Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que o funda” [...] (FREIRE, 1987, p. 79-80).

Ainda acerca da amorosidade, entendemos sua evidente correlação com a afetividade, ou seja, ela aproxima educador e educando, transformando o desejo de formar e auxiliar na aquisição do conhecimento, sendo esse um ato de amor. E assim afirma Freire:

É preciso, [...] reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescindida da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje (FREIRE, 1996, p. 161).

Seguindo nesse caminho, Codo (1999) define que a palavra afeto deriva do latim *affectus*, que significa afetar, tocar. Conforme o autor referido, o afeto é, portanto, o elemento primordial da afetividade, a qual é definida nos termos de “conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza” (p. 51). Para que ocorra aprendizagem, o afeto necessita, assim, estar vinculado ao contexto escolar.

Com base no referido pelos autores, compreendemos que o processo educativo, se conduzido com afetividade e seriedade, volta-se para a aprendizagem como ação

humanizadora, oportunizando a cada indivíduo avanços em direção àquilo que podem ser, desenvolvendo identidade, potencialidades, conhecimentos e capacidade de assumir seu lugar na sociedade.

Outro ponto importante abordado por Freire (2011) refere-se ao objetivo central da educação libertadora: a humanização que buscamos na educação, enquanto vocação ontológica, pois através dessas relações, reinventamos o mundo, melhorando a nós mesmos e aos outros. Essa forma de pensar a escola, indica que lhe cabe o papel de formar pessoas pensantes, politizadas, reflexivas, atuantes, criativas, sendo que esse processo é visto como interação entre sujeitos e conhecimento. Como afirma Paulo Freire (1996), para a educação é imprescindível a formação de cidadãos críticos, ativos, sujeitos históricos que intervenham no processo de formação da sociedade. Para o autor em questão, o desafio maior da educação libertadora repousa na esperança de reinventarmos o mundo.

De acordo com o que se propôs até aqui, infere-se que uma relação amorosa e dialógica se embasa no respeito a todos os sujeitos, dando espaço para que cada um possa expressar-se. Contudo, isso não significa abrir mão da autoridade. O educador deve, pois, assegurar espaço adequado à construção de conhecimentos, sem cair na permissividade ou no autoritarismo. Este espaço, segundo Freire (1996, p. 99), baseia-se na disciplina que,

[...] resultando do equilíbrio entre autoridade e liberdade, implica necessariamente o respeito de uma pela outra, expresso na assunção de que ambas são feitas de limites que não podem ser transgredidos". Relações justas e generosas geram um clima em que a autoridade do professor e a liberdade do aluno se assumem em sua eticidade (FREIRE, 1996, p. 102-103).

A partir do descrito, amorosidade e autoridade tornam-se os fundamentos de um processo educativo não autoritário, distinto da permissividade e da licenciosidade. A disciplina serve para organizar as situações de ensino e de aprendizagem sem conduzir ao autoritarismo, mas, justamente ao contrário, da espaço para o diálogo e para a liberdade, para a participação e compartilhamento de saberes, sentidos e percepções.

Sintetizando o que fora exposto, educação humanizada significa pensar e agir conforme princípios éticos e isso inclui, responsabilidade, criatividade, solidariedade, consciência política, dentre inúmeros outros aspectos, com o objetivo de que a escola seja (espaço de aprendizagem) transformadora e formadora de opinião, promovendo

um mundo mais humano e justo. Por isso, a amorosidade, característica da postura do verdadeiro educador, o auxiliará no estabelecimento de uma relação equilibrada e intercedida pela afetividade, primando pelo estudo sério dos conteúdos, pela formação humanista, pela convivência saudável, em que os indivíduos são acolhidos (e o egoísmo não encontra lugar). Ou seja, o amor se manifesta no desejo de formar pessoas, empenhando-se em fazê-lo da melhor forma possível.

Concluindo esta primeira parte e introduzindo o que será tratado na sequência, cita-se Alves, reforçando a importância do amor e vocação na atuação docente:

Educadores, onde estarão? Em que covas terão se escondido? Professores, há aos milhares. Mas o professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança (ALVES, 2012, p.16).

2 Humanização na atuação docente

Para iniciar as reflexões sobre a atuação docente, cabe uma citação bastante ilustrativa do que se pretende expor neste momento:

Que se destine meu aluno à carreira militar, à eclesiástica ou à advocacia pouco importa. Antes da vocação dos pais, a natureza chama-o para a vida humana. Viver é o ofício que lhe quero ensinar. Saindo de minhas mãos, ele não será, concordo, nem magistrado, nem soldado, nem padre; será primeiramente homem. Tudo que um homem deve ser, ele o saberá, se necessário, tão bem quanto quem quer que seja; e por mais que o destino o faça mudar de situação, ele estará sempre em seu lugar (ROUSSEAU, 1995, p. 15).

Com isso, percebemos que, independente da profissionalização, um professor deve atentar, acima de tudo, para o desenvolvimento de valores na formação dos seus alunos. E para formar o ser, a afetividade necessita se fazer presente, pois não se pode negligenciar que o aluno pensa e sente concomitantemente. Neste sentido, Codo explicita que:

Se essa relação afetiva com os alunos não se estabelece, se os movimentos são bruscos e os passos fora do ritmo, é ilusório querer acreditar que o sucesso do educar será completo. Se os alunos não se envolvem, poderá até ocorrer algum tipo de fixação de conteúdos, mas certamente não ocorrerá nenhum tipo de aprendizagem significativa; nada que contribua para a formação destes no sentido de preparação para a vida futura, deixando o processo ensino-aprendizagem com sérias lacunas (CODO, 1999, p.50).

Complementando o que fora exposto, cita-se Paulo Freire, patrono da educação brasileira, que afirma:

É na convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os assumirem enquanto sujeitos sócio-históricos-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando. (...) A competência técnico-científica e o rigor de que o professor não deve abrir mão no desenvolvimento do seu trabalho, não são incompatíveis com a amorosidade necessária às relações educativas (FREIRE, 1996, p. 11).

Devemos destacar aqui, mais uma vez, que educação afetiva, não indica uma educação permissiva, mas sim uma educação em que a relação entre os envolvidos exige respeito, confiança e cumplicidade. Logo, conforme Spagolla (2015), junto à autoridade do professor está a responsabilidade. O professor deve sentir-se responsável pelo aluno. Se o aluno se sente importante, atraído e acolhido pela escola, espaço este que lhe oferece limites e responsabilidades, haverá grande possibilidade dele sentir-se seguro e desenvolver um comportamento recíproco de respeito. A autora citada acrescenta ainda que a autoridade do professor deve passar por análises críticas a respeito de relações moralistas, preconceituosas, discriminatórias e autoritárias. Com o exposto, constatamos a necessidade de reflexões e análises críticas permanentes na atuação docente. Não se pode esquecer que o professor muitas vezes também procede de formações carentes de sensibilidade e afeto, tendendo a reproduzir tal realidade em sua prática. Reforçando tais concepções, Esclarin (2004, p.192) afirma que “só ensinará realmente a aprender aquele que aprende de seu ensinar, isto é, aquele que submete à reflexão e crítica permanentes seu exercício de ensino para transformá-lo também em exercício de aprendizagem”.

Com base no que foi citado, acreditamos, portanto, ser fundamental uma mudança de postura do educador, reconhecendo a formação afetiva e humana como um aspecto importante no processo de formação de sujeitos. Além do exposto, ressaltamos:

É imprescindível, que o educador preocupe-se em promover relações cooperativas entre os educandos, tendo assim a consciência de seu papel de facilitador da aprendizagem; rompendo com posturas tradicionalistas; adequando-se ao momento histórico e priorizando relações que estimulem a aprendizagem como uma ação prazerosa, e que possa o aluno exercer, já no espaço escolar, sua participação cidadã (SPAGOLLA, 2015, p. 9).

Concluindo as ideias aqui citadas, compreendemos, portanto, que contribuir afetivamente é não apresentar indiferença à presença e às diversas manifestações dos alunos. É buscar desenvolver amplamente a constituição do ser humano; é vislumbrar estratégias de ação educacional não somente com o intuito de que o indivíduo seja no futuro um profissional eficiente no mercado de trabalho, mas alguém que perceba as oportunidades que a escola e a vida podem lhe oferecer em todos os sentidos e, especialmente, alguém que se preocupe com o outro, com a sociedade e seja efetivamente cidadão. Por fim, segue-se com um apontamento de Rubem Alves, que indica o que é necessário se fazer presente na formação e atuação docente:

Não sei como preparar o educador. Talvez porque isso não seja nem necessário, nem possível... É necessário acordá-lo. E aí aprenderemos que educadores não se extinguiram como tropeiros e caixeiros. Porque, talvez, nem tropeiros, nem caixeiros tenham desaparecido, mas permaneçam como memórias de um passado que está mais próximo do nosso futuro que o ontem. Basta que os chamemos do seu sono, por um ato de amor e coragem. E talvez, acordados, repetirão o milagre da instauração de novos mundos (ALVES, 2012, p.36).

Assim, esperamos que o professor seja verdadeiro agente do despertar, da libertação e da humanização do seu público.

3 Educação tradicional e educação humanizada

Ao observar a realidade da educação brasileira na atualidade, infelizmente temos a impressão de que a educação vem sendo confundida com a escolarização. Neste sentido, para compreender a diferença entre ambas, resta necessário entender o que as compõem.

Para Keim (2011), a escola tradicional, chamada por Paulo Freire de *bancária*, é a instituição na qual os conteúdos a serem desenvolvidos estão no centro do processo, sendo que no dia da prova os estudantes devem dar testemunho de quanto foram capazes de fazer render e de ampliar o capital recebido. Para o autor, nesta perspectiva, a escola representa uma instituição regida pelo modelo econômico-financeiro e tem o professor como representante (metaforicamente) da personagem que deposita conhecimentos. No dia da prova, o aluno consulta o saldo bancário, para verificar seus rendimentos, os quais serão impressos num boletim, como num extrato bancário. Já a educação humanizada e emancipadora, nas palavras do autor supracitado:

[...] a escola emancipadora da humanização se mostra como uma instituição que se responsabiliza pela natureza política de suas ações e respeita a natureza ontológica de sua comunidade constituída de docentes, discentes, demais trabalhadores, familiares e sociedade na qual está imersa. Nesse contexto a Escola Emancipadora se manifesta como meio no qual os conhecimentos são decorrentes da demanda gerada pela comunidade e o foco está na mudança dos processos que desumanizam e geram miséria e marginalização. Na escola emancipadora as avaliações se caracterizam como dinâmica diagnóstica dos processos desenvolvidos e na importância qualitativa dos conhecimentos e saberes, para a vida das pessoas envolvidas e não, na quantidade de saberes retidos e mensuráveis (KEIM, 2011, p. 4).

Complementando, Freire (1987) confronta a educação com a dinâmica institucionalizada ou educação bancária, que aliena e desumaniza, caracterizada por ele como opressora. Logo, o autor propõe que a educação se apresente como ação política, histórica e civilizatória, sendo, por isso, muito mais do que o simples processo de reproduzir o estabelecido pelo contexto vigente. A educação deve, na concepção de Freire, mostrar-se como agente potencial de intervenção no contexto dominante e opressor que desumaniza. A educação deve ter a proposta de ser agente de libertação e autonomia, consolidando-se no fomentar processos de reavivar a humanidade apagada pelo sistema econômico e produtivo, que mantém nossa sociedade dividida. Nesta perspectiva, educação e processos políticos estão essencialmente interligados, sendo que a educação é a via capaz de fornecer aos homens novos ideais e emancipação.

Com relação aos rumos a serem seguidos na educação brasileira, Spagolla (2015) aponta que o ensino pautado pelos princípios e práticas humanistas deve convocar a escola e a educação, seus agentes e interlocutores, abertos à formação da consciência crítica e da participação política solidária, a construir um projeto pedagógico que seja resistente e transformador, o qual exija compromisso ético social dos envolvidos (educadores e administradores). Assim será possível produzir uma concepção político-democrática, transformando as estruturas atuais da sociedade (caracterizada pela individualidade e competitividade). De acordo com a autora:

Compreender este estado e pensar a sua superação requer coragem de propor uma educação e uma escola que supere a concepção educacional de formar para o trabalho, numa dimensão estreita, pois se assume aí a integração da educação como fria produtora de mão-de-obra do mercado de trabalho da sociedade consumista atual. Uma dimensão fundamental de uma educação humanizada e humanizadora induz a necessidade de rever os métodos, procedimentos pedagógicos que, muitas vezes restringem os conteúdos escolares e o processo pedagógico à dimensão cognitiva, esquecendo-se de que o homem é um ser, cuja intelectualidade e emoção fundem-se trazendo

implicações no desenvolvimento educativo. Uma educação intelectualista, em que o objetivo principal seja o cumprimento do programa curricular, ignorando o indivíduo em sua totalidade, poderá deixar lacunas irreparáveis na formação integral do mesmo, uma vez que uma verdadeira aprendizagem não se restringe à transmissão ou apropriação de saberes conceituais (SPAGOLLA, 2015, p. 3-4).

Ainda conforme a autora citada, devemos lembrar que a aprendizagem inicia-se no contexto social familiar, com todas as suas contradições, passando pelo âmbito escolar e por todo o ciclo de desenvolvimento vital. É justamente aí que *dá-se a “dinâmica entre o racional e o emocional, o afetivo e o sentimental, fundamentos básicos de uma aprendizagem relacional, necessários para a produção e apropriação do conhecimento”* (p. 4).

Vygotsky é outro estudioso de destaque e que aborda a importância da educação humanizada, por meio da afetividade. Este autor informa que, quando compreendemos a base afetiva do sujeito, é possível compreender também seu pensamento, ou seja, as razões que impulsionam seus pensamentos têm origens nas suas emoções. Existe, portanto, relação entre as esferas afetivas e as cognitivas, sendo que elas se influenciam mutuamente no processo evolutivo do conhecimento. Com isso, as interações ocorridas no ambiente escolar são pautadas na afetividade. Por esta razão, é fundamental estimular a viabilização de mecanismos afetivo-motivadores, pois a afetividade possibilita que a pessoa olhe para o outro, valorizando-o. Além disso, a afetividade também instiga fatores como a autoestima, aspecto este fundamental para a aprendizagem e, por conseguinte, para o desenvolvimento das potencialidades do sujeito (VYGOTSKY, 1996).

A respeito da afetividade, Keim (2011) expõe também que ela se manifesta por meio de comportamentos posturais e verbais e vai auferindo complexidade na medida em que o indivíduo se desenvolve. Desse modo, a comunicação afetiva deve acompanhar a faixa etária do sujeito e as necessidades de cada fase, implicando um relacionamento baseado no diálogo, compartilhamento, confiança e valorização das contribuições de cada um, fortalecendo sua autoestima.

Com base nestas elucubrações, compreendemos que a educação exige um novo olhar perante o aluno, olhar no sentido da sua compreensão integral, completa. Porém, não se pode esquecer que a escola não é a única participante do processo de formação do indivíduo. Justamente por isso, ela não pode atuar isoladamente. Há que se

preconizar uma parceria entre escola e família, pois as figuras parentais são a base da construção do sujeito.

Ainda sobre a dicotomia “educação tradicional e humanizada”, cabe expor a concepção de Henri Wallon. Contrariando a educação tradicionalista, onde se destaca a inteligência e o sucesso acadêmico, deve-se priorizar a teoria do desenvolvimento, uma vez que a cognição é centrada na psicogênese da pessoa contextualizada, o que pressupõe a educação numa abordagem mais humanizada (WALLON, 1968).

Reforçando os pensamentos descritos até o momento, citamos também Morin (2001, p. 20), que assim pronuncia: “o desenvolvimento da inteligência é inseparável do mundo da afetividade, isto é, da curiosidade, da paixão, que, por sua vez, são a mola da pesquisa filosófica ou científica”.

Concluindo as ideias aqui expostas, ressaltamos que a escola deve ser espaço de reflexão, fomentadora de discussões sobre seu próprio papel na dinâmica de construção e transformação da sociedade. A escola também deve se empenhar no compromisso de ampliar seu alvo pedagógico, atingindo elementos adequados e concretos na proposta da formação integral do ser, como sujeito de si mesmo e da sociedade. Propomos, portanto, pensar o desenvolvimento da pessoa em suas várias vertentes e não mais de maneira fragmentada; não apenas como sujeito da aprendizagem, cuja meta principal seja a intelectualidade.

Insistimos, por fim, que a natureza da relação entre o ser e a escola é um dos fatores principais na aquisição do conhecimento. Por isso, o grande desafio do professor é perceber o aluno em sua realidade, singularidade e totalidade. Compreendemos, pois, a importância de repensar e ultrapassar o modelo de educação tradicional, adaptando-o às necessidades e carências do mundo atual.

Conclusão

Conforme verificado por meio da bibliografia exposta neste estudo, existe larga diferença entre educar e escolarizar. Os estudos aqui abordados nos indicam que a escola deve ser uma organização que efetivamente ensina e aprende, preocupada sim com a formação de conhecimentos, mas também com a dimensão emocional e afetiva que estão incluídas neste, fundamentais para o desenvolvimento do aluno. Entretanto,

sabe-se que esta não é a realidade da educação no Brasil. A frieza e o tecnicismo, dentre outros fatores, ainda imperam nas formações, nos diferentes níveis de escolaridade. Na realidade contemporânea, a lacuna entre o passado e o futuro, marcada pela ruptura da tradição e da autoridade, impõem o desafio de recuperar o sentido do educar, apostando na capacidade humana de criar e inovar. Essa transmissão revela o compromisso de fomentar a emancipação pelo conhecimento. Devemos registrar aqui que, educação emancipadora é compromisso universal. Todos professores devem promovê-la, bem como a autonomia e a liberdade, sempre citadas por Paulo Freire.

Além do referido, verificamos, por meio dos autores pesquisados, que as práticas educativas tradicionais (ainda vigentes), infelizmente, pouco tocam os alunos. Diante de tal ausência de sensibilização, não há espaço para transformação. Percebe-se que ainda é pouco expressiva a preocupação com a formação integral do sujeito e com a educação humanizada. Sem atenção a estes aspectos, obviamente a afetividade e a humanização estão distantes do cotidiano escolar, o que se reflete na sociedade em geral.

Observando o cenário descrito neste artigo devemos nos questionar: Será que a educação que estamos fazendo contribui para a transformação social? As únicas respostas nos conduzem a outras diversas indagações, mas, especialmente, nos direcionam a certeza de que precisamos pensar a escola para além do ensinar a fazer, mas a ser! Desenvolver o ser é a necessidade educativa e social mais urgente, para instrumentar sujeitos que sejam conscientes de seus papéis. Mas não podemos esquecer que, para o aluno ser, o professor também precisa ser, haja vista que, como descrito neste estudo, existe diferença entre ser professor e educador. Não houve intenção de detalhar tais diferenças, mas destaca-se que elas existem e que aqui buscou-se utilizar a definição de professor como o verdadeiro e comprometido educador. Para o professor ser um educador, deve existir, acima de tudo, valorização docente e investimento na formação humanizada da classe. Neste sentido, a formação inicial e continuada dos educadores, a estrutura curricular, a prática educativa, constituem-se em grandes desafios que precisam ser (re)organizados e (re)formulados na educação brasileira.

A partir destes apontamentos, entendemos que a contribuição da escola na formação de um sujeito ativo e consciente passa pela superação do modelo tradicional de escola, centrada no individualismo e competição, para uma escola com práticas humanizadoras. Só por meio da amorosidade e, conseqüentemente, da humanização, se chegará a uma educação plena, a qual seja, de fato, emancipadora do sujeito humano.

Ao final deste estudo destacamos ainda que o tema debatido é amplo e necessita de mais aprofundamentos nas suas variadas dimensões. O que fora aqui abordado representa uma pequena contribuição na tentativa e relevância de inserir/reforçar a humanização na escola e na vida humana em geral.

Finaliza-se este estudo parafraseando o poeta Fernando Pessoa que diz: “o valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis”. Correlacionando esta ideia ao que fora exposto no decorrer deste estudo, a educação deve se pautar na qualidade, no afeto, na humanização e não apenas na quantidade e nos conteúdos. Espera-se, cada vez mais, que a escola seja espaço de afeto, amor, vínculos e emancipação.

Referencias

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 14. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

CODO, Wanderley. (Org). **Educação, carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1999.

DICIONÁRIO Informal. <<http://www.dicionarioinformal.com.br>>
Acesso em: 02 fev. 2017.

ESCLARÍN, P. A. **Educar para humanizar**. São Paulo: Paulinas, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação como prática de liberdade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **Comunicação e Extensão**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KEIM, Ernesto Jacob. **Humanização e Educação em Freire e LuKács**. Atos de Pesquisa em Educação. FURB: Mai./ago. 2011. Disponível em:
<<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/2572/1688>> Acesso em: 10 fev. 2017.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 4. ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2001.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. Traduzido por Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1995.

SPAGOLLA, Rosimeiri de P. **Afetividade: por uma educação humanizada e humanizadora**. Disponível em:
<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2343-8.pdf>> Acesso em: 05 fev. 2017.

VYGOTSKY, I. S. **Teoria e Método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1968.